

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #21 (tomo 3) Jul. 2017

LAGARES RUPESTRES DO CONCELHO DE TRANCOSO

O Naufrágio Quinhentista
de Belinho, Esposende

Cerâmica Fina
da Idade Moderna

A Importância das Circunscrições
para a Arqueologia Industrial



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

dois suportes...

...duas publicações diferentes

o mesmo

cuidado editorial

al·madan

edição impressa



**1.ª Série
(1982-1986)**

**2.ª Série
(1992-...)**

(2005-...)

al·madan

online

**edição digital
em formato pdf**

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

edições



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Imagem do lagar rupestre de São João I com o castelo de Moreira de Rei em pano de fundo, captada em trabalho de campo para a Carta Arqueológica do Município de Trancoso.

Foto © João Carlos Lobão, Maria do Céu Ferreira e Rui Parente de Figueiredo.



II Série, n.º 21, tomo 3, Julho 2017

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais, Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de Almada (sede): Vanessa Dias, Ana Luísa Duarte, Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português), Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço

Colaboram neste número |

Alexandre Monteiro, Ana Almeida, Guilherme Cardoso, António Rafael

Carvalho, Tânia Manuel Casimiro, Filipe Castro, Cláudia Costa, Cleia Detry, José d'Encarnação, Marta Estante, Maria do Céu Ferreira, Sara Ferro, João Figueiredo, Rui Parente de Figueiredo, Bruno R. Bairão de Freitas, Luís Gomes, Sofia de Melo Gomes, Eliana Goufa, Marco Liberato, João Carlos Lobão, Ivone Magalhães, Franklin Pereira, Jorge

Manuel Resende, J. A. Severino Rodrigues, Helena Santos, João Luís Sequeira, Maria João Valente e Chia-Chin Wu

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

O inventário, descrição e valoração do Património cultural imóvel preservado nos diferentes municípios portugueses é uma obrigação legal que, felizmente, tem tradução crescente em levantamentos que actualizam, sistematizam e enriquecem o conhecimento local e regional. Aqui e ali ainda realizados a contragosto, apenas para satisfazer essas obrigações e garantir a aprovação de planos directores e outros instrumentos sujeitos à tutela da administração central, a verdade é que muitos deles aspiram transformar-se no essencial: poderosas ferramentas de integração plena dos recursos patrimoniais na gestão do território e nas políticas e estratégias que não menosprezam a importância da Cultura, da História e do Património para dar sustentabilidade e qualidade de vida às comunidades do presente e às gerações futuras.

Este tomo da *Al-Madan Online* é particularmente rico de exemplos e reúne projectos desse tipo nos municípios de Trancoso, Penamacor e Cinfaes, que passam a dispor de informação também indispensável para, conhecendo o existente, minimizar o impacto de pequenas e grandes obras públicas e privadas. A Arqueologia preventiva em ambiente urbano está também presente através de intervenções nas cidades de Óbidos e de Portalegre, e no balanço do que a investigação arqueológica vem acrescentando à interpretação da transformação histórica de Leiria.

Noutro plano, as páginas da *Al-Madan Online* apresentam o que dados preliminares apontam ser um dos mais importantes sítios arqueológicos submersos até agora localizados em Portugal, no caso junto à praia de Belinho, a Norte de Esposende. Podem ainda ler-se abordagens metodológicas ao estudo da cerâmica fina da Idade Moderna, à análise de pastas cerâmicas por recozedura e à reavaliação das centurições romanas propostas para o território de *Conimbriga*, bem como a proposta de aplicação de um modelo estatístico preditivo para localização de povoados pré-históricos da Beira interior.

Outros trabalhos compõem um conjunto de grande diversidade. Um deles aborda a temática da espiritualidade islâmica que marcou os séculos X a XII na região costeira entre a serra da Arrábida e Sines, intensificada e conjugada com as medidas defensivas impostas pelas incursões vikings. Outro relata um curioso incidente na tentativa de inspecção técnica a duas locomóveis a vapor, em 1931, na zona de Linda-a-Pastora (Oeiras), e realça o papel da análise documental na Arqueologia industrial. Por fim, um último artigo fala-nos de etnografia e erudição nos artefactos de couro, num testemunho pessoal que interage com a obra de Gil Vicente e histórias de vida de vários artesãos, até ao Museu dos Samarreiros, em Vila Verde (Seia). A terminar, faz-se balanço de encontros de Zooarqueologia e Arqueomalacologia recentes e listam-se vários outros eventos em agenda para datas próximas ou de médio prazo.

E não esqueça que, na mesma data deste tomo digital, iniciou a sua distribuição o N.º 21 da *Al-Madan* impressa, com um dossiê especial dedicado ao Património Cultural Subaquático de Época Contemporânea e vários outros motivos de interesse.

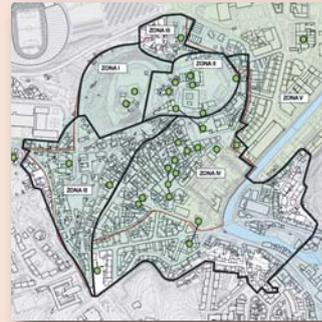
Na Internet ou nas páginas impressas, votos de boa leitura.

Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

A Arqueologia e o Rigor |
José d'Encarnação...8 ▶



Arqueologia em Leiria:
análise do seu contributo para
a compreensão da evolução
histórica da cidade |
Luís Gomes...65 ▶

ARQUEOLOGIA



Lagares Rupestres do Concelho
de Trancoso. 1. Inventário |
João Carlos Lobão, Maria do
Céu Ferreira e Rui Parente
de Figueiredo...9 ▶

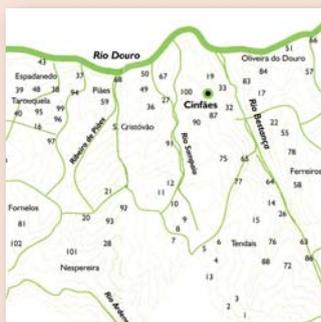


Forno Cerâmico de Época
Moderna em Santo André (Portalegre) |
Sofia de Melo Gomes...72 ▶

Contribuição para a
Carta Arqueológica de
Penamacor: sítios inéditos |
Sara Ferro...28 ▶



ARQUEOLOGIA
SUBAQUÁTICA



O Projeto IAC (Inventário
Arqueológico de Cinfães): um
sistema de informação arqueológica
municipal | Jorge Manuel
Resende...46 ▶



Quatro Intervenções de
Arqueologia Preventiva em
Óbidos | Marco Liberato,
Helena Santos e Eliana
Goufa...54 ▶



O Naufrágio Quinhentista de Belinho,
Esposende: resultados preliminares |
Ana Almeida, Filipe Castro, Alexandre
Monteiro e Ivone Magalhães...80 ▶

ESTUDOS

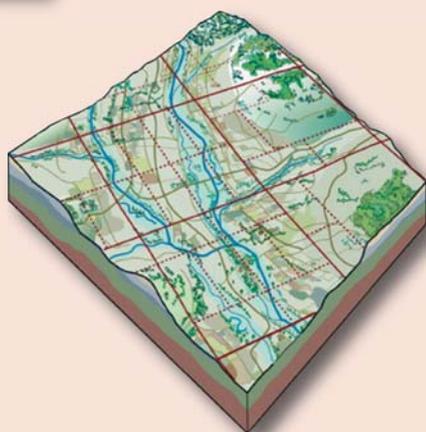


Cerâmica Fina da Idade Moderna: proposta de um novo conceito | J. A. Severino Rodrigues...96 ▶



Análise de Pastas de Cerâmica Através de Recozedura | Guilherme Cardoso...108 ▶

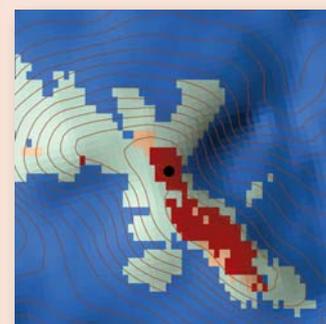
Reavaliação das Centurições Propostas para o Território de *Conimbriga*: uma abordagem arqueogeográfica | Bruno Ricardo Bairrão de Freitas...115 ▶



PATRIMÓNIO



O Despertar da Espiritualidade Islâmica no Sâhil de al-Qaṣr / Alcácer [do Sal] entre o emirato andalusi e o califado almóada | António Rafael Carvalho e Chia-Chin Wu...128 ▶



OPINIÃO

Modelos Preditivos em Arqueologia: uma aplicação aos povoados proto-históricos da Beira Interior | Marta Estanqueiro...122 ▶

“Retire-se Que Isto Não Acaba Bem”: o caso do processo n.º 3062 da 3.ª Circunscrição Industrial e a importância das Circunscrições Industriais para a Arqueologia Industrial | João Luís Sequeira, Tânia Manuel Casimiro e João Figueiredo...145 ▶



De Gil Vicente ao Museu dos Samarreiros: etnografia e erudição nos artefactos em couro | Franklin Pereira...157 ▶

EVENTOS

Zooarqueologia e Arqueomalacologia da Península Ibérica | Cleia Detry, Cláudia Costa e Maria João Valente...179 ▶

Agenda...182 ▶

A Arqueologia e o Rigor

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

A miúdo se sublinha quanto o verdadeiro estudante de Arqueologia se apercebe da importância do rigor, mormente na observação. Um tijolo é diferente de uma telha, ainda que, por vezes, seja tão diminuto o fragmento encontrado que se torna difícil optar; cá está, porém, um dos casos em que o rigor assume importância maior, dado que a telha implica cobertura de um edifício, enquanto o tijolo se prende com a construção de uma parede ou, até, poderá ter exercido mera função de ladrilho, a pavimentar um espaço. E, concomitantemente, se assinala a necessidade da prática, como, aliás, acontece com a maioria das ciências: num dia de escavação, o futuro arqueólogo aprende mais e mais facilmente do que em muitas sessões teóricas, onde, por exemplo, nem sequer tenha acesso aos materiais concretos de que se está a falar. É, de facto, curioso verificar como – por mais deficiências que, porventura, tenham surgido – nisso se nota a diferença entre o estudante de História e o de Arqueologia. Numa maior atenção ao pormenor. Se a moeda foi encontrada num estrato claramente remexido, não pode ser usada, sem mais nem menos, como indicador cronológico seguro... O contexto assume, em Arqueologia, um papel determinante, mais do que em qualquer outra ciência.

Há, pois, necessidade de uma educação para o rigor, que deve ser cada vez mais incentivada, sobretudo agora que os meios tecnológicos colocados ao nosso dispor se revelam susceptíveis de nos facilitar a vida, diminuindo em muito o tempo de que nos era necessário dispor, aqui há duas décadas atrás, para levar a cabo com êxito e perfeição a tarefa que nos propusemos fazer.

“Há, pois, necessidade de uma educação para o rigor, que deve ser cada vez mais incentivada, sobretudo agora que os meios tecnológicos colocados ao nosso dispor se revelam susceptíveis de nos facilitar a vida, diminuindo em muito o tempo necessário, aqui há duas décadas atrás, para levar a cabo com êxito e perfeição a tarefa que nos propusemos fazer.”



ILUSTRAÇÃO: José Luís Madeira.

UM PERIGO A EVITAR

Essa facilitação propiciadora de maior tempo livre deve ser encarada como tal; ou seja, eu tenho esta tarefa para cumprir; vou conseguir fazê-la em muito menos tempo do que fazia outrora; conclusão: posso dedicar-lhe muito mais atenção, que não sairei daí prejudicado.

Ora, reside aí o perigo e a tentação: custa-me menos, faço mais depressa, não preciso de lhe dedicar tanta reflexão! E era precisamente o inverso que deveria suceder: tenho mais tempo livre, vou reflectir mais, vou analisar melhor, vou estudar todos os aspectos que se me afigurarem de interesse; mesmo que as não saiba resolver, vou levantar as questões que ora me surgem.

Ainda que uma citação de teor religioso possa ser considerada intrusa aqui, não resisto a transcrever o que Jesus Cristo terá dito aos Seus discípulos, na sequência do Sermão da Montanha: *“Ninguém acende uma candeeira e a coloca em lugar onde fique escondida, nem debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no velador, para que assim alumie todos os que estão em casa”* (Mateus, 5, 15).

Na verdade, as nossas reflexões as não guardamos para nós: difundimo-las, publicamo-las, a fim de que essa partilha redunde em eficaz progresso científico. Não há que ter vergonha nem receio de vir a ser refutado. Desde que haja boas razões assim se progride, no respeito pela opinião de cada um. E mau será se, vistas essas boas razões contrárias às nossas, não tivermos a humildade de aceitar. Podemos, por vezes, ser mal interpretados e, nesse caso, há duas opções: ou nos explicamos melhor ou deixamos que o assunto *de per se* se esclareça. Recordo que um oficial do mesmo ofício houve por bem publicar na *Al-Madan* violenta diatriba contra mim, resultante de má interpretação de um dos meus textos; essa diatriba é uma das primeiras referências que aparece sob o meu nome quando se abre o *Google*; optei por não alimentar a discussão, que porventura algum dia se esclarecerá por si. É, porém, sobre o modo de publicação que hoje gostaria de reflectir, na sequência do tal rigor que, por norma, caracteriza o arqueólogo. Há sintomas – penso eu, mas posso estar errado – de que poderia haver ainda maior reflexão. Exemplifico:

1. DESENHOS E FOTOGRAFIAS

Falava eu neste assunto com um colega e, de imediato, me alertou, precisamente no que à Arqueologia diz respeito, para a falta de rigor que observa tanto em desenho de campo como nas fotografias que acompanham os relatórios dos trabalhos arqueológicos: *“A mim assusta-me também a falta de rigor com que, por vezes, se fazem desenhos de campo. Depois de passados a papel*

ou a digital podem ficar muito bonitos, mas não são desenhos técnicos fiáveis, no sentido de reproduzirem fielmente estruturas e outros contextos identificados no terreno. Não há noção do erro e das suas consequências.

E assusta-me também a perda de qualidade das técnicas de registo fotográfico, agora substituídas por múltiplos disparos de máquinas digitais (ou de smartphones), na esperança de que algum fique bom. Há gente a trabalhar muito bem nestes domínios e a tirar bom partido das novas tecnologias. Mas vejo coisas que me deixam perplexo e que parecem não afligir quem assim procede”...

2. O “ASSUNTO” DAS MENSAGENS

Todos nós usamos o correio electrónico e, sabiamente, o inventor dessa modalidade de comunicação criou um campo que tem toda a razão de ser: o “assunto”. Vale a pena darmos uma olhadela à nossa caixa de correio para verificar quanta vez a falta de rigor aí existe. Recebes uma mensagem do teu amigo, mas queres aproveitar a circunstância para tratar com ele doutra questão; pensa, pois, em mudar o “assunto”, caso se trate, de facto, de um assunto diferente. Fico perplexo quando recebo uma mensagem de França e vem no assunto *“aucun”*, “nenhum”!



Ora, se a mensagem não tem assunto para que é que se enviou? Corre-se, por outro lado, o risco de o nosso interlocutor pensar que se trata da mesma polémica que já anda no ar há vários dias (e que vem no “assunto”) e apaga a mensagem mesmo sem a ler; sucede, por vezes, que, afinal, apenas se aproveitara a “deixa” e se partira noutra direcção completamente diferente.

3. OS ANEXOS

São outro quebra-cabeças. Primeiro, porque não se repara na (muitas vezes, estranha) identificação com que nos foram transmitidos; depois, porque não se tem em atenção o seu tamanho, o que dificulta o acesso; e em terceiro lugar, para que se há-de partilhar um cartaz com mais de um metro de altura, quando os seus dizeres já vêm no programa, que também vai em anexo? Dou apenas um exemplo: recebi, a 2016-10-28, uma mensagem que trazia anexo assim identificado: FEIRANOJARDIM_FolhetoFinalA5-MAIO2016. Era... um folheto relativo a uma feira a realizar-se... a 5 de Novembro de 2016!...

4. AS CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Já tive ensejo, noutra crónica ¹, de vituperar contra a enxurrada de regras que os editores de revistas impõem aos autores, que nos levam um tempão a cumprir. Não volto ao assunto, porque – ao que parece – é chover no molhado e cada editor se preza de engendrar os maiores preciosismos para, se calhar, ser diferente. Hoje, que, a um simples clique no *Google*, tudo sabemos num ápice acerca de uma publicação (editor, lugar de edição, data de edição... tudo!), faz-me confusão obrigarem-nos a fornecer pormenores facilmente dispensáveis. E, confesso, continuo – e sei que muitos confrades meus na Académias das Ciências de Lisboa me acompanham nesta reivindicação – a pedir, por favor, que não se submetam aos senhores que vivem em mundos diferentes dos nossos: **não ponham em mera sigla o primeiro nome do autor!** T. pode ser Teresa, Torquato, Tito, Tânia!... Isso justifica-se em países como a França, em que a mulher, quando casa, deixa de ter nome próprio e passa a ser a Sra. Michoux! Nós, em Portugal, só na tropa ou na polícia é que nos designam pelo apelido! Sempre pugnámos por ser tratados como pessoas, como indivíduos – e este é um passo importante dessa luta pela igualdade do género!

¹ “O Quebra-Cabeças dos Investigadores”. *Al-Madan Online*. 21 (1). Julho de 2016, pp. 9-10. Acessível também em: <http://hdl.handle.net/10316/31681> (consultado em 2017-06-11).

Já estou por tudo, como sói dizer-se; mas permita-se-me um derradeiro desabafo: tal qual nas ciências ditas exactas, em que todos os membros de um laboratório assinam o artigo de uma descoberta porque, em teoria, todos – sejam cinco ou dez ou mais – contribuíram para ela e têm o direito de assinar o artigo em que a revelam, também agora há a moda de que todos os participantes de uma escavação, quando se apresentam os resultados obtidos, tenham direito a ver o seu nome consignado como autores. O artigo pode ter dez páginas e serem dez os participantes na campanha; não há problema, é como se cada um assinasse uma página! Não, não quero voltar ao tempo em que o estudante fazia o trabalho e era o professor que assinava; acho, porém, que também aqui se manifesta incrível falta de rigor. Pode haver quem estudou as cerâmicas, quem tratou dos vidros, quem leu as inscrições... Tudo bem. Nesse caso, explicitem-se as autorias. E, como mandam as regras, quando há mais de três autores, indicam-se os três primeiros e os demais citam-se com a expressão latina *et alii*, “e outros”, que no corpo do artigo se verá. Agora, o que me causou perplexidade foi um editor pedir que essa expressão (que, insisto, deveria vir escrita assim, por extenso e em itálico) viesse escrita *ET AL*, em versaletes, em itálico, em abreviatura sem ponto e tudo em maiúsculas – quase como se fosse o nome de uma revista de país árabe ou equivalente!... Mais estranho creio que será difícil de se ver!... Termino, pois, como comecei: é nas pequenas coisas, e devidamente justificadas, que o rigor – apanágio maior do arqueólogo – se deve manifestar! 🐉

José d'Encarnação,
8 de Março de 2017



ILUSTRAÇÃO: José Luís Madeira.